

Um
mundo de
oportunidades

Volume 12
Origem: animal

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

MARCELO NARVAES FIADEIRO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Luís Rua

Marcel Moreira

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Equipe técnica:

Carlos Vitor Muller

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Adriano Perrelli Pestana de Castro

Luciana Pich Gomes

Andrea Claudia Parrilla

Daniela de Moraes Aviani

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Paulo Márcio Mendonça de Araújo

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Ricardo Zanatta Machado

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virgínia Arantes Ferreira Carpi

Ângelo de Queiroz Maurício

Bruno Cavalheiro Breitenbach

Marlos Schuck Vicenzi

Fernanda Vanessa Mascarenhas

Magalhães

Marco Aurélio Pavarino

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Adriane Reis Cruvinel

Frederique Rosa e Abreu

Warley Efreim Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Rafael D'Aquino Mafra

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Juliano Vieira

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Resumo



O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.



PRODUÇÃO E CONSUMO DE PRODUTOS LÁCTEOS NA NIGÉRIA

Data: 14/12/2025

Posto: Abuja/Nigéria

Palavras-chave: leite; produtos lácteos; produção; consumo; exportação; mercado; oportunidades de negócio

Responsável: Frederique Abreu

SUMÁRIO:

A Nigéria apresenta um mercado de produtos lácteos em expansão, impulsionado por crescimento demográfico acelerado, urbanização crescente e elevação da consciência sobre nutrição. Apesar de possuir o segundo maior rebanho bovino africano, com aproximadamente 20,9 milhões de cabeças, o país importa cerca de 60% dos produtos lácteos que consome, gastando aproximadamente US\$ 1,5 bilhão anuais em importações. Com um consumo estimado em 1,65 bilhão de litros em 2025 e crescimento projetado de 2,8% ao ano até 2035, atingindo 2,18 bilhões de litros, o mercado nigeriano representa uma oportunidade estratégica para exportadores brasileiros. A recente abertura regulatória para exportação de leite e produtos lácteos brasileiros (novembro de 2024), aliada a iniciativas governamentais locais de modernização da cadeia produtiva, cria um cenário propício para expandir a presença brasileira no setor.

Introdução

A África Ocidental depende de importações para aproximadamente 40% de seu consumo de produtos lácteos, sendo a Nigéria, com população superior a 227 milhões de habitantes e projeção para ultrapassar 400 milhões até 2050, o principal mercado regional. Esta dinâmica demográfica e econômica contrasta com a capacidade produtiva local ainda limitada, criando um hiato entre oferta e demanda que sustenta a dependência de importações.

Reconhecendo essa situação, a ECOWAS (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental) lançou uma "Ofensiva Regional para a Promoção do Leite Local", com objetivo de aumentar a produção interna, fortalecer cadeias de coleta de leite e criar ambiente favorável ao desenvolvimento da indústria láctea regional. Simultaneamente, o governo nigeriano, em junho de 2024, apresentou sua primeira Política Nacional de Lácteos (2023-2028), reafirmando o compromisso público com a revitalização do setor.

Em paralelo, desde novembro de 2024, o Brasil obteve autorização da autoridade sanitária nigeriana para exportar leite, produtos lácteos e gado vivo destinado à reprodução, abrindo perspectivas comerciais significativas. Em 2023, a Nigéria importou mais de US\$ 875 milhões em produtos do agronegócio brasileiro, consolidando-se como parceiro comercial relevante do Brasil na África Ocidental.

Produção e Consumo

A produção leiteira nigeriana caracteriza-se pela coexistência de dois sistemas produtivos distintos. O sistema pastoril, operado predominantemente por criadores da etnia Fulani localizados nas regiões setentrionais, responde por aproximadamente 95% da produção de leite cru consumido localmente. Este sistema funciona de forma extensiva, com gado em pastoreado de forma nômade e produtividade média de apenas 1,6 a 2 litros por vaca por dia. O sistema comercial, mais estruturado e mecanizado, envolve fazendas estabelecidas com mesclagem de raças locais e exóticas, contribuindo com apenas 5% da produção total, mas operando com padrões sanitários e de qualidade mais rigorosos.

O rebanho bovino nigeriano abrange aproximadamente 20,9 milhões de cabeças, majoritariamente compostas por raças de baixo rendimento, como Bunaji e Gudali, historicamente selecionadas para resistência às condições climáticas e ambientais locais, mas com limitada capacidade produtiva leiteira.

A produção local de leite gira em torno de 700 mil toneladas anuais. Este volume representa apenas uma fração da demanda interna estimada em 1,6 bilhão de litros anuais, determinando um déficit estrutural de cerca de 56% entre oferta doméstica e consumo.

O consumo per capita de leite na Nigéria permanece bastante reduzido, estimado em aproximadamente 12 litros por habitante ao ano, significativamente inferior à média global e comparável apenas a outros países africanos com infraestrutura leiteira similar. No entanto, como reflexo da urbanização crescente, da expansão da classe média e da consciência nutricional ascendente, especialmente entre consumidores jovens, projeta-se elevação do consumo para 1,65

bilhão de litros em 2025 e aproximadamente 2,18 bilhões de litros até 2035, representando crescimento médio anual de 2,8%.

O mercado de produtos lácteos nigeriano gerou receitas estimadas em US\$ 5,90 bilhões em 2024, com projeção de crescimento anual entre 10 e 12% entre 2025 e 2030 em termos de valor monetário, indicando aumento não apenas volumétrico, mas também de agregação de valor através de produtos processados e diferenciados.

Dentro do mercado de lácteos, o leite fluido continua a ser o principal segmento, sustentado pela população crescente e demanda por alimento nutritivo acessível. Leite em pó representa aproximadamente 70% das importações de produtos lácteos, refletindo sua importância para o consumo rural e semi-urbano, onde oferece vantagens de armazenamento e durabilidade. Simultaneamente, iogurte, queijo e produtos fermentados crescem em demanda, especialmente em ambientes urbanos e entre populações jovens influenciadas por dietas ocidentais e tendências de bem-estar.

O mercado formal de processamento de leite na Nigéria é dominado por duas grandes empresas multinacionais: Friesland Campina WAMCO e Arla, ambas operando com elevada dependência de leite importado em pó ou concentrado para suas operações de recombinação e processamento. Essa dinâmica revela tanto a limitação da cadeia de suprimento local como a oportunidade para fornecedores internacionais de leite em pó e ingredientes lácteos.

Tendências da Produção

Apesar do rebanho bovino significativo, a produtividade leiteira nigeriana permanece severamente limitada por múltiplos fatores estruturais. A permanência de raças de baixo rendimento, ainda que bem adaptadas ao clima e às condições locais, resulta em produção média que equivale a apenas 15-25% do potencial observado em países tropical-subtropical com genética moderna. A razão primária desta lacuna está na ausência de programas sistemáticos de melhoramento genético até data recente e na predominância de sistemas de criação extensivos, com manejo sanitário básico e sem acesso a insumos modernos.

Os últimos dados de 2024 indicam que a Nigéria enfrenta crescimento lento e inconsistente na produtividade leiteira. Obstáculos cruciais incluem acesso limitado a rações balanceadas, deficiência de pastagens melhoradas, escassez crônica de crédito rural que impeça investimentos em infraestrutura de ordenha e refrigeração, além de alta incidência de doenças animais relacionadas a gestão veterinária inadequada.

Todavia, sinais de mudança começam a emergir. O governo nigeriano lançou iniciativas como o Plano Nacional de Transformação Pecuária (NLTP 2019-2028) e a Política Nacional de Lácteos (2023-2028), ambos com meta ambiciosa de aumentar a produção anual de leite de 700 mil toneladas para 1,4 milhões de toneladas até 2029, reduzindo simultaneamente a fatura de importações de US\$ 1,5 bilhão.

Paralelamente, programas específicos como o Advancing Dairy Development Nigeria (ADDN), financiado pela Fundação Bill e Melinda Gates, operaram entre 2020 e 2024 em estados-chave produtores (Adamawa, Jigawa, Kaduna, Kano, Plateau), formalizando cadeias de coleta, melhorando

saúde animal e treinando agricultores. O ADDN elevou a coleta diária de leite de 200 litros em 2019 para 6 mil litros durante sua operação, com perspectiva de atingir 30 mil litros diários até 2027. Esse crescimento, ainda que modesto em contexto global, sinaliza viabilidade de transformação produtiva com suporte apropriado.

Melhoramento Genético e Projetos Estratégicos

Uma transformação particularmente promissora encontra-se em curso através de parceria entre a Nigéria, a FAO e a Embrapa, denominada "Biotechnologies for Sustainable Dairy production in Africa" (Biotecnologias para Produção Leiteira Sustentável na África).

O projeto enfoca inseminação artificial de bovinas nigerianas (raças Bunaji e Gudali) com sêmen da raça sintética brasileira Girolando, resultado do cruzamento entre as raças Gir (zebuína, adaptada ao trópico) e Holstein (taurina, de elevada produção). Até 2024, foram realizadas inseminações em mais de 600 vacas nigerianas, resultando no nascimento de 250 bezerras F1 (meio-sangue Girolando/raça local). O objetivo é realizar 2 mil inseminações em cem fazendas participantes.

As expectativas de produção das gerações F1 são de 5 a 10 litros por vaca por dia na primeira geração, com potencial para alcançar 10 a 15 litros diários em gerações subsequentes, comparado aos atuais 1,6 a 2 litros.

O Brasil tem se tornado referência mundial em genética bovina para clima tropical, atraindo interesse de potências econômicas como China e diversos países africanos. A transferência desta tecnologia para a Nigéria propicia ganhos mútuos: para a Nigéria, significa acesso a genética comprovada e transferência de conhecimento em avaliação genômica; para o Brasil, representa abertura de mercado significativo para sêmen, embriões e animais vivos para reprodução.

Desafios do Setor

A cadeia de valor láctea nigeriana enfrenta obstáculos estruturais profundos que limitam simultaneamente a expansão produtiva e a qualidade dos produtos:

- **Infraestrutura Deficiente**

A precariedade da infraestrutura de refrigeração constitui gargalo crítico. Estudos indicam que aproximadamente 70% dos alimentos produzidos na África são perdidos por falta de cadeia do frio adequada, gerando inflação de preços e comprometimento da segurança alimentar. A Nigéria, especificamente, carece de rede de refrigeração organizada desde a produção até a distribuição varejista. Muitos produtores rurais entregam leite em "postos de resfriamento" deficientemente equipados, onde não raro o leite é mantido a temperaturas inadequadas (acima de 7°C), comprometendo qualidade sanitária e vida de prateleira. Estradas inadequadas nas zonas produtoras (principalmente norte) dificultam coleta regular e rápida de leite, elevando incidência de decomposição.

- **Baixa Produtividade**

A predominância de raças de baixo rendimento, combinada com investimento limitado em tecnologia de criação (nutrição animal, sanidade, melhoramento genético), resulta em produtividade muito aquém do potencial. A média de 1,6 a 2 litros por vaca por dia é apenas 10-20% da produtividade

alcançável com genética e manejo modernos. Este cenário perpetua economia de escala desfavorável na pecuária leiteira, desestimulando agricultores a expandir operações ou investir em técnicas modernas.

- **Acesso Limitado a Financiamento**

Pequenos e médios produtores enfrentam dificuldades severas para acessar crédito rural adequado. A falta de crédito acessível limita a capacidade de investimento em ordenha mecanizada, sistemas de refrigeração, melhoramento de pastagens e aquisição de animais melhorados. Esse contraste impede a transição de modelos extensivos e de baixa produtividade para sistemas intensivos.

- **Desafios Climáticos e Ambientais**

A degradação de pastagens, chuvas irregulares e períodos de seca frequentes, especialmente no norte do país, afetam diretamente a disponibilidade de forragem e água para rebanhos. A insegurança em certas regiões, particularmente no nordeste, também compromete a operação de fazendas e a movimentação de rebanhos pastorais. Estes fatores climáticos e de segurança criam ambiente de risco elevado para investimentos em pecuária leiteira, demandando suporte específico para adaptação e resiliência.

- **Sistemas de Comercialização Desorganizados**

A ausência de canais formais de comercialização obriga produtores a vender leite a intermediários a preços reduzidos, comprimindo margens e desestimulando expansão. Embalagens inadequadas, rotulagem deficiente e falta de rastreabilidade reduzem valor de mercado dos produtos e dificultam acesso a segmentos consumidores de renda mais elevada dispostos a pagar prêmios por qualidade e segurança alimentar.

- **Competição de Importações Subsidiadas**

O leite em pó importado, particularmente da Europa onde produtores recebem subsídios governamentais, compete em preço com leite local fresco, pressionando para baixo os preços recebidos por produtores nigerianos e tornando economicamente desafiador competir mesmo com melhorias de produtividade.

Oportunidades para o Setor Privado Brasileiro

A convergência de fatores – demanda crescente, déficit estrutural de oferta, autorização regulatória brasileira, interesse governamental nigeriano em modernização e iniciativas de cooperação – cria janela de oportunidades ampla para empresas, cooperativas e investidores brasileiros.

Exportação de Leite em Pó

A Nigéria é um dos maiores importadores africanos de leite em pó, representando aproximadamente 70% das importações de produtos lácteos. Atualmente, grande volume é suprido pela Europa, beneficiando-se de subsídios locais

Oportunidades para o Setor Privado Brasileiro

A convergência de fatores – demanda crescente, déficit estrutural de oferta, autorização regulatória brasileira, interesse governamental nigeriano em modernização e iniciativas de cooperação – cria janela de oportunidades ampla para empresas, cooperativas e investidores brasileiros.

- **Exportação de Leite em Pó**

A Nigéria é um dos maiores importadores africanos de leite em pó, representando aproximadamente 70% das importações de produtos lácteos. Atualmente, grande volume é suprido pela Europa, beneficiando-se de subsídios locais que reduzem preços competitivos. Com a abertura regulatória brasileira confirmada em novembro de 2024, empresas brasileiras de laticínios estão habilitadas a exportar leite em pó para a Nigéria. O desafio principal é competitividade de preço; análises indicam que Nigéria busca leite em pó na faixa de US\$ 3.500 a US\$ 4.000 por tonelada, margens apertadas que demandam otimização de custos e operações logísticas eficientes. Parcerias entre exportadores brasileiros e distribuidoras nigerianas poderiam viabilizar operações competitivas.

- **Produtos Lácteos de Maior Valor Agregado**

Além de leite em pó, mercados crescentes existem para iogurte, queijo, bebidas lácteas fermentadas e produtos funcionais (fortificados com micronutrientes, probióticos). A expansão urbana e crescimento da classe média nigeriana elevam demanda por estes produtos diferenciados. Empresas brasileiras com expertise em processamento e inovação de produtos poderiam explorar nichos premium ou fornecer tecnologia/equipamentos para processadores locais.

- **Investimentos em Processamento Local**

Estabelecer unidades de produção e processamento de lácteos na própria Nigéria oferece vantagens logísticas e redução de custos de transporte. Empresas brasileiras poderiam constituir joint-ventures com processadores locais ou empreender investimentos de maior escala, importando leite em pó e concentrado lácteo, processando-os localmente em produtos finais (iogurte, queijo, bebidas) e distribuindo através de redes varejistas nigerianas. Tal modelo agregaria valor localmente e contribuiria ao desenvolvimento de capacidades nigerianas.

- **Fornecimento de Sêmen, Embriões e Animais Vivos**

A Nigéria abriu seu mercado para embriões bovinos em janeiro de 2025 e espera-se em breve liberação para sêmen bovino e animais vivos para reprodução. Este é segmento estratégico onde o Brasil possui vantagem competitiva estabelecida. Criadores brasileiros de Girolando, juntamente com empresas especializadas em biotecnologia reprodutiva, poderiam expandir exportações de sêmen (já em comercialização via projeto FAO-Embrapa) e embriões. O mercado potencial é significativo: com ambição nigeriana de elevar produção leiteira de 700 mil para 1,4 milhões de toneladas até 2029, a demanda por genética melhorada será estrutural.

- **Tecnologia e Conhecimento em Melhoramento Genético**

A transferência de conhecimento em avaliação genômica, seleção assistida por marcadores moleculares e manejo reprodutivo configura oportunidade para instituições brasileiras de pesquisa,

consultoria e empresas especializadas. Programas de cooperação técnica, tanto via organismos governamentais quanto através de parcerias privadas, poderiam capacitar técnicos nigerianos e expandir adoção de melhores práticas.

- **Infraestrutura de Cadeia do Frio**

Empresas brasileiras de refrigeração comercial, equipamentos de resfriamento, silos e armazenagem poderiam fornecer tecnologia e equipamentos para melhorar infraestrutura leiteira nigeriana. Este segmento é crítico: modernizar a refrigeração desde a propriedade até a distribuição é pré-condição para elevar qualidade dos produtos e reduzir perdas.

- **Parceria e Capacitação com Produtores Locais**

Programas de transferência de tecnologia agrícola, treinamento de produtores, assistência técnica e organização de cadeias poderiam ser desenvolvidos através de cooperação entre governo brasileiro (via MAPA, EMBRAPA, agências de desenvolvimento) e seus congêneres nigerianos, ou através de empresas privadas brasileiras estabelecendo relações comerciais de longo prazo com cooperativas e associações de produtores locais. A experiência brasileira em extensão rural, cooperativismo e associativismo agrícola possui relevância para contexto nigeriano.

- **Acesso ao Mercado Ampliado de ECOWAS**

A Nigéria é porta de entrada para mercado mais amplo da ECOWAS, abrangendo aproximadamente 400 milhões de consumidores em 15 países. Empresa que se estabeleça na Nigéria com operações competitivas poderia, posteriormente, expandir-se a mercados vizinhos (Gana, Benin, Senegal, Costa do Marfim), aproveitando proximidade geográfica e frameworks comerciais regionais.

Conjuntura Recente e Perspectivas

Em agosto de 2025, Brasil e Nigéria reafirmaram compromisso com cooperação através de assinatura de acordos estratégicos em agricultura, pecuária e fertilizantes. A medida responde à queda histórica no comércio bilateral que caiu de US\$ 10 bilhões em 2014 para US\$ 2 bilhões em 2024, sinalizando necessidade de revitalização da relação comercial. Os acordos apontam para aumentar produtividade, transferência tecnológica e crescimento econômico mútuo.

A população nigeriana, estimada em 227 milhões em 2024, deverá alcançar 260 milhões até 2030 e 400 milhões até 2050, segundo projeções. Essa expansão demográfica, combinada com urbanização crescente (estimada em 52% até 2030), sustenta elevação inelutável da demanda por produtos alimentares de melhor qualidade nutricional, particularmente produtos proteicos como leite e derivados.

Conclusão

O mercado de produtos lácteos da Nigéria apresenta potencial latente considerável: demanda crescente sustentada por demografia e renda, déficit estrutural de 56% entre produção e consumo, rebanho bovino significativo ainda subaproveitado, e governança pública renovada com políticas direcionadas à modernização da cadeia. Simultaneamente, a abertura regulatória brasileira, experiência tecnológica consolidada em genética bovina tropical e capacidade de processamento de laticínios posicionam o Brasil como parceiro estratégico privilegiado.

Os desafios são reais e significativos: infraestrutura deficiente, competição de importações subsidiadas da Europa, acesso limitado a financiamento, pressão climática. Contudo, esses obstáculos também representam oportunidades para empresas brasileiras que tragam expertise em superação de limitações similares enfrentadas nas regiões tropicais do Brasil.

Para o setor privado brasileiro, o cenário oferece janela de tempo favorável. A mobilização de recursos em exportação de insumos e tecnologia (sêmen, embriões, equipamentos), investimentos em processamento local, e programas de transferência de conhecimento poderá gerar ganhos comerciais e técnicos de longo prazo, enquanto contribui à segurança alimentar e desenvolvimento econômico nigeriano. Tal abordagem multifacetada – combinando comércio, investimento direto e cooperação técnica – constitui caminho sustentável para solidificar presença brasileira no setor lácteo nigeriano e expandir-se posteriormente ao mercado ampliado da África Ocidental.